

## Um acerto de contas entre irmãos

**Marcelo Fernandes Ribeiro**

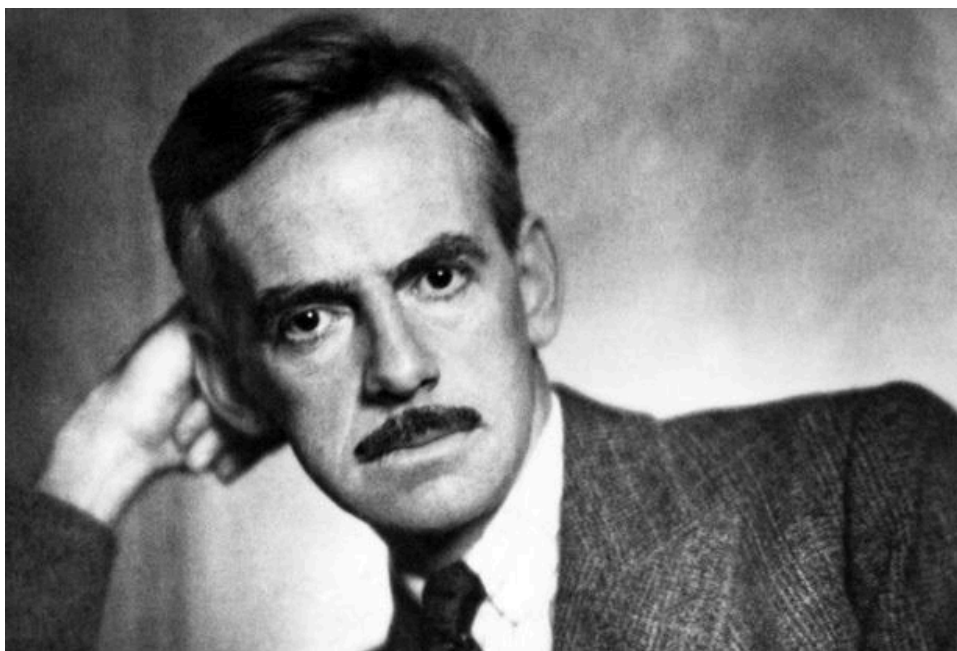
Foi com um misto de piedade e medo, tal como Aristóteles afirmou serem os efeitos da tragédia, que terminei a leitura da peça teatral *Uma lua para o bastardo*, de Eugene O'Neill, que acaba de ser publicada pela editora Minotauro. Talvez a comoção que a obra provoca seja ainda mais acentuada ao sabermos que seu enredo se baseia num terrível acontecimento real. James O'Neill Jr., o irmão mais velho de O'Neill, que exerceu grande influência sobre o dramaturgo, foi, durante muitos anos, um alcoólatra e um boêmio, nunca tendo se assentado numa profissão, num amor, numa família. No entanto, já com mais de quarenta anos, estimulado pelo exemplo da mãe, que fora dependente de morfina e superou o vício, ele abandonou a dissipação e passou a viver em sua companhia, quando ela já era viúva. Sempre possuiu profunda dependência emocional da progenitora. Por dois anos mãe e filho puderam desfrutar de uma vida sóbria e fazer companhia um ao outro, oferecendo um ao outro o suporte psicológico de que necessitavam. Até que um dia, numa ocasião em que viajaram juntos para o Oeste dos Estados Unidos, para tratar da venda de uma casa da família naquela região do país, a mãe adoeceu subitamente de um tumor cerebral já avançado, falecendo dentro de poucos dias. James O'Neill Jr. se manteve a seu lado nesse momento, dando-lhe suporte em seus últimos momentos. E, quando ela morreu, atravessou o país de trem, até a costa leste, com o cadáver sendo transportado no compartimento de bagagem. Já no próprio trem, ele resolveu dar início ao processo de autodestruição que iria levá-lo também à morte pouco mais de oito meses depois, entregando-se à luxúria e ao etilismo desenfreado. A peça mostra a última etapa da vida de James, chamado pelo apelido carinhoso de Jim, cujo sobrenome foi mudado para Tyrone, nome do condado irlandês de onde a família O'Neill é originária.



Capa da recente edição da editora Minotauro, selo do grupo Alta Books

No prefácio à edição brasileira, o tradutor da obra chama a atenção para o cristianismo arraigado no imaginário do dramaturgo estadunidense, que recebeu estrita educação católica quando criança. E como ele recria, neste trabalho, uma das imagens mais icônicas do universo cristão: a lamentação sobre o corpo de Cristo no colo da Virgem Maria, eternizada na escultura intitulada *Pietà*, de Michelangelo. Na noite que passa no colo de Josie, sua vizinha e inquilina de um lote de terra de sua propriedade, James Tyrone, já órfão da mãe, experimenta a sensação paradisíaca de acolhimento maternal profundo antes de partir para Nova York, onde se entregará à esbórnia e seguirá firme na rota da autodestruição.

Em suas derradeiros anos de vida, já como último sobrevivente de sua família, Eugene O'Neill faz um acerto de contas com o pai, a mãe e o irmão, com quem atravessou a vida em relações de muito afeto, mas muito conflituosas. É como se, antes de também partir, ele tivesse a necessidade de oferecer-lhes compreensão e perdão. Com muita coragem, o dramaturgo coloca-os no palco, recriando ficcionalmente momentos significativos de sua biografia para refletir sobre seu passado e o significado de sua história no presente da escrita. Se em *Longa jornada noite adentro*, sua obra-prima, assistimos ao que se passa dentro da casa dos O'Neill, testemunhando toda uma avaliação das escolhas feitas pelo pai da família, que impactaram a existência de todos os outros membros do grupo, em *Uma lua para o bastardo* o ajuste de contas é feito com seu irmão, que introduziu Eugene na boemia nova-iorquina, em experiências com prostitutas e no alcoolismo, ao mesmo tempo em que rivalizava-se com ele pelas atenções da mãe. Teria querido levá-lo também à autodestruição? É o que parece, ao menos inconscientemente. Embora extremamente culto e talentoso, James não realizou nada de notável como artista ou intelectual, devido ao tipo de vida que resolveu viver desde jovem, contando com o patrocínio e a condescendência do pai, um ator famoso que ganhava muito dinheiro percorrendo o país com peças de apelo popular.



Eugene O'Neill (1888-1953), maior dramaturgo dos Estados Unidos, prêmio Nobel de literatura em 1936

Muito antes de a autoficção se tornar banalizada e até bastante rasa, como acontece hoje em dia, Eugene O'Neill já a realizava com maestria, não para expor narcisicamente a sua vida e as dos seus, mas como forma de angariar o perdão para os pecados e as faltas de todos. Afinal, no universo católico que é o pano de fundo de suas obras e que está no cerne de sua visão de mundo, apesar de o dramaturgo ter perdido a fé ainda na adolescência, a confissão é um sacramento dos mais importantes, sendo necessária para apaziguar o espírito.

O'Neill deve ter partido desta vida com espírito apaziguado, pois teve tempo de oferecer compreensão e perdão às pessoas fundamentais em sua existência, eternizando essa generosidade em peças que são hoje obras-primas do teatro moderno. Além disso, ao retratar sua família e os conflitos que nela pululavam, ele faz também um retrato de todas as famílias do mundo, que são sempre um viveiro de tensões. Ao perdoar a todos e a si mesmo, ele mostra que não há outro caminho, uma vez que as pessoas são o que são e não podem ser mudadas, assim como o passado não poderia ter sido vivido de outra forma.

Comecei me referindo à piedade e ao medo provocados em mim ao final da leitura de *Uma lua para o bastardo*. Piedade pela vocação autodestrutiva de tantos de nós, medo pelos rumos infaustos que a vida pode sempre tomar, mesmo pouco tempo depois de alguns anos felizes. Mas também posso dizer que terminei a leitura comovida, com um sentimento de ternura por Jim Tyrone, com todos os seus defeitos, com todas as suas frustrações, pois ele é como somos todos nós, humano, demasiado humano.

Uma peça que também comoverá a audiência sempre que for montada nos teatros brasileiros, agora que está disponível em português.

## Referências

O'NEILL, Eugene. **Uma lua para o bastardo**. São Paulo: Minotauro, 2025, tradução, apresentação e notas de Adriano de Paula Rabelo.

Fontes das imagens:

Primeira imagem, capa do livro: Grupo Alta Books.

Segunda imagem: Eugene O'Neill Collection, Archives at Yale.

**Data de submissão: 13/09/2025**

**Data de aceite: 16/12/2025**